

CIDADÃO BOILESEN (2009), de Chaim Litewski

Longa-metragem de documentário produzido pela Palmares produções e Jornalismo Ltda.¹ e dirigido em 2009 por Chaim Litewski, *Cidadão Boilesen* narra a vida de Henning Albert Boilesen, um dinamarquês que veio ao Brasil, se assentou na cidade de São Paulo ainda na década de 1930, e prosperou como um bem sucedido administrador de empresas que rapidamente se tornou presidente da Ultragaz². Boilesen também foi muito marcado por sua vida pública e por suas participações na política brasileira. Anti comunista confesso, ele não somente auxiliou materialmente a ditadura financiando setores ligados à repressão durante o Regime Militar, como também apoiou e trabalhou na aproximação entre empresários e militares. Ao longo dos anos Boilesen foi se tornando uma figura conhecida no Brasil devido sua participação ativa na política. Foi citado indiretamente, por exemplo, no filme *Pra frente Brasil*, 1982, de Roberto Farias, em que havia um personagem claramente baseado no dinamarquês. Segundo relatos presentes em *Cidadão Boilesen*, além do apoio ao regime, participou com frequência como espectador de sessões de tortura. Boilesen morreu assassinado por um grupo ligado à luta armada em 1971.

O filme tem início de maneira dinâmica, com trilha sonora pop e grande sucessão de planos. Ainda na introdução é possível perceber um movimento do qual o longa tentará dar conta ao longo de seus 90 minutos de duração. Um movimento que vai da infância de Boilesen na Dinamarca, sua vinda ao Brasil, seu envolvimento com a vida pública brasileira e sua morte. Ou seja, um amplo esquadrinhamento de sua figura.

Uma breve introdução jornalística traz um repórter perguntando a pessoas na rua que leva o nome de Henning Albert Boilesen (na Vila Lageado, extremo oeste da cidade de São Paulo) “quem foi Henning Boilesen”. Ainda na introdução, são mostradas rapidamente imagens de seu corpo assassinado. Então o filme volta a sua infância na Dinamarca para, efetivamente, começar a contar sua história de forma linear.

A partir de fotos de arquivos, entrevistas, documentos, e inserções gráficas, nota-se uma intensa e profunda pesquisa por trás do filme. São ouvidos um vasto número de

1 “A Palmares é um núcleo de resistência cultural e de produção audiovisual comprometido com a história, com a memória e com os grandes feitos de homens e mulheres que nos deixaram lições de dignidade e amor ao nosso país” (disponível em <http://www.palmaresproducoes.com.br/> acessado em 26/10/2015).

² Ultragaz é uma empresa que faz parte do grupo Ultra, atuante na área de distribuição de combustível. Relatos confirmam o auxílio material da empresa ao Regime militar. Caminhões da Ultragaz eram vistos durante operações policiais de investigação e prisão nas ruas.

peças: o ex presidente Fernando Henrique Cardoso, o Coronel Brillante Ustra³, o filho de Henning Boilesen e militantes que comandaram a operação de execução de Boilesen, como Carlos Eugênio da Paz, por exemplo.

Isto posto, a partir dessa breve introdução, Chaim Litewski começa a explorar e se aprofundar na figura do dinamarquês. Primeiramente nos é apresentado o bem sucedido empresário. Segundo relatos, um bom e dedicado garoto ainda na infância. Um atleta, idealista íntegro e que amava o Brasil. As primeiras entrevistas do filme dão conta de um primeiro contato com a personalidade de Boilesen como o homem que viria a ser rapidamente um magnata. Litewski não tem pressa na progressão dos depoimentos. A política brasileira somente entra no filme aos vinte minutos, quando o espectador já tem apreendida uma grande parte da figura do empresário. É certo que desde de o início o filme dá indícios daquilo em que se aprofundará pela frente – seu grande envolvimento político durante a ditadura: transições marcadas com sons de tiros são repetidas por todo filme, por exemplo.

A partir do governo de Goulart e do ódio de Boilesen aos comunistas, Litewski adentra pelo terreno de maior interesse. É narrada, por exemplo, a união de empresários, apoiadores do golpe de 1964, tomados por um medo anti comunista, em que Boilesen era um dos mais efusivos membros do grupo, a favor do regime militar e dispostos a darem auxílio à luta política instaurada.

Já nos anos de ditadura, segundo o filme, a exposição pública excessiva do empresário começa a chegar aos militantes clandestinos. Um depoimento aos 25 minutos de projeção do ex. secretário da câmara de comércio Dinamarca-Brasil, Per Simonsen, é sintomática: Boilesen havia ganhado o prêmio de “homem de relações públicas” do ano de 1964. Aparentemente não gostou do título, comentando que “sempre se deveria estar por trás, jamais exposto”. Como presidente da Ultragas, e muito próximo dos militares, o dinamarquês foi se expondo e seu nome ligado à repressão chegava aos poucos nas mãos dos grupos da luta armada.

O longa, então, realiza um pequeno desvio. Afasta-se um pouco da exclusividade a Boilesen e se aprofunda, ouvindo o maior número de envolvidos possível, nas questões referentes à Operação Bandeirantes (OBAN)⁴, à luta armada, e às

³ Comandante da Operação Bandeirantes (OBAN) e responsável por perseguições, prisões e torturas de militantes políticos que lutavam contra o regime instaurado. No filme *Cidadão Boilesen*, Ustra se limita a ler um relato escrito se defendendo das acusações.

⁴ A operação Bandeirantes (OBAN) foi uma organização paramilitar criada no momento pós AI-5 e tinha como objetivo a perseguição, prisão e tortura de membros de grupos políticos contrários ao regime (todos

práticas de torturas praticadas no período. Tal afastamento da figura de Boilesen, porém, é aparente, pois sempre que abordadas, essas questões são trazidas pelo possível envolvimento do empresário com as operações de caça aos militantes e o financiamento em nome de sua empresa aos órgãos de repressão para melhorias materiais e operacionais dos mesmos. Um depoimento de Fernando Henrique Cardoso a respeito da conjuntura política da época aponta que não apenas um auxílio material por meio de doações em dinheiro eram realizadas por empresários aos militares: essa aproximação era também uma união política entre civis e militares do governo, o que aumentava sua força.

O retorno mais atento à figura de Boilesen nessa altura do documentário se aprofunda e revela outras características de sua personalidade que, até o momento, não haviam sido explicitamente revelados, explicando sua participação e atitude perante as torturas praticadas e à movimentação política do país. Litewski retorna ao depoimento de Helga Mohr, arquivista municipal da cidade de Frederiksberg, Dinamarca (a mesma depoente que no início do filme analisa os desempenhos escolares de Boilesen), em que ela relata um fato ocorrido em seu colégio, do qual ele, ainda menino, assistiu impassível a seus amigos sendo punidos fisicamente pelos professores, chamando atenção do corpo docente, preocupando-os.

Aquela figura carismática e bem sucedida do início do filme começa a dar espaço e ser desconstruída quando a narrativa volta a dar mais atenção ao personagem título. Em um tom mais duro, um Boilesen misterioso, sombrio, sádico e violento começa a emergir com mais clareza. Depoimentos de presos políticos relatam a sua presença constante às sessões de tortura simplesmente como um espectador. Sua figura, então, ganha camadas grotescas. Além de sua presença nos interrogatórios, é narrada a existência, na época, de uma nova ferramenta de tortura, nomeada como “pianola Boilesen”, que seria uma máquina de choques elétricos trazida pelo dinamarquês ao Brasil e utilizada na tortura de presos políticos.

Os trinta minutos finais se dedicam a analisar passo a passo o seu assassinato por membros de um grupo ligado à luta armada. Seu nome passou a fazer parte de uma lista de militantes à esquerda e a ideia da eliminação de sua figura surgiu como uma forma de não somente serem mortos policiais e soldados em confrontos menores, mas uma

já clandestinos). Segundo depoimentos, Henning Boilesen não somente foi um dos maiores financiadores da operação, como também tinha uma relação de amizade com muitos militares e eventualmente assistia a sessões de tortura.

figura forte, que estava à frente financeira e politicamente no governo militar. Boilesen foi o escolhido e foi eliminado em abril de 1971, nas ruas do bairro Jardins, em São Paulo.

Além de um caráter já mencionado de ampla pesquisa e de dar voz ao dois lados envolvidos – militares e militantes à esquerda (acentuado contradições de discursos e elevando a complexidade da discussão, problematizando e analisando seu objeto) – Litewski procura, a partir de Henning Boilesen, dar conta da frágil memória política recente do país.

O que ocorre aqui, e não é muito comum no cinema brasileiro, é tratar de um personagem histórico da direita política. Como disse Rodrigo Oliveira em sua crítica publicada na Revista Cinética, *Cidadão Boilesen* “confronta o carrasco de frente”⁵, e parte dele para discutir a respeito do passado militar brasileiro e como aqueles que participaram desse momento ativamente o enxerga hoje em dia. O longa ganhou o prêmio de melhor filme no festival “É tudo verdade”, em São Paulo, no ano de 2009.⁶

Rafael Dornellas⁷

⁵ OLIVEIRA, Rodrigo de. Muitos tiros, nenhuma misericórdia. Revista Cinética. Julho de 2009.

⁶ Disponível em <http://www.cinamateca.gov.br> acessado em 23/07/2015.

⁷ Bolsista de Iniciação Científica CNPq, orientado pelo prof. dr. Eduardo Victorio Morettin, dentro do projeto Cinema e história no Brasil: estratégias discursivas do documentário na construção de uma memória sobre o regime militar (Edital Universal 14/2013 - Faixa B - até R\$ 60.000,00, processo número 485808/2013-7).

FONTES DE PESQUISA:

ANDRADE, Lenice da Silva Andrade. COSTA, Marcela Yara Maués da. SARMENTO-PANTOJA. Tânia. *A cidadania na narrativa de resistência: um olhar sobre as narrativas audiovisuais. O ano em que meus pais saíram de férias e Cidadão Boilesen*. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, nº 13 – Novembro de 2013.

AGUIAR, Marco Alexandre de. A relação entre militares e empresários no filme Cidadão Boilesen (2009). Anais eletrônicos do XXII encontro estadual de História da ANPUH-SP-Santos-2014.

Disponível em

http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406759921_ARQUIVO_cidadaoboilesen.otextookok.pdf acessado em 23/07/2015.

OLIVEIRA, Rodrigo de. Muitos tiros, nenhuma misericórdia. Revista Cinética. Julho de 2009.

Disponível em <http://www.revistacinetica.com.br/cidadaoboilesen.htm> acessado em 23/07/2015.

Site: <http://www.cinemateca.gov.br>

Site: <http://www.palmaresproducoes.com.br/>